Gabriela Mariah Nascimento de Souza
Rubens Arley de Almeida Junior
Elisângela da Silva Santos

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 01: Imaginando sociologias antirracistas: branquitude e relações étnico-raciais no ensino básico

Ensino de sociologia a partir da interseccionalidade: diálogos com Conceição Evaristo e Rosana Paulino

São Paulo
2025

ENSINO DE SOCIOLOGIA A PARTIR DA INTERSECCIONALIDADE: DIÁLOGOS COM CONCEIÇÃO EVARISTO E ROSANA PAULINO

Gabriela Mariah Nascimento de Souza[1]
Rubens Arley de Almeida Junior[2]
Elisângela da Silva Santos[3]

RESUMO

O projeto busca desenvolver uma sequência didática para a disciplina de Sociologia no Ensino Médio a partir do paradigma interseccional. A proposta é guiada pelas obras artísticas da Poética Negra Feminista, em especial, de Conceição Evaristo e Rosana Paulino. Por meio do diálogo entre arte e Sociologia, foi possível elaborar outras formas de se fazer-ensinar Sociologia no contexto da educação básica, de maneira a estimular não somente a apropriação de ferramentas analíticas críticas da sociedade, mas também desenvolver a potencialidade criativa dos/as alunos/as. A proposta visa trabalhar com a noção de escrevivência de Evaristo, e as releituras do arquivo colonial feitas por Paulino, de modo a repensar a realidade social a partir da interseccionalidade.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Arte. Feminismo negro.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo central apresentar uma proposta de sequência didática voltada para a disciplina de Sociologia no Ensino Médio, com foco na abordagem do conceito de interseccionalidade enquanto mecanismo de desnaturalização das sobreposições das estruturas de poder (Crenshaw, 2002; Collins, 2019; Collins e Bilge, 2021). A proposta, realizada a partir da colaboração entre o Núcleo de Ensino da Unesp de Marília[4] e uma escola da rede pública do Estado de São Paulo, busca estabelecer um diálogo integrador entre obras artísticas, literatura, conhecimentos sociológicos e reflexões epistemológicas afro-diaspóricas.

Nesse sentido, a partir da análise das obras da arte-educadora Rosana Paulino – *Assentamento* (2013), *Atlântico Vermelho* (2017) e *Guará Vermelho* (2023) – em articulação com os contos da escritora Conceição Evaristo presentes na obra *Olhos d'Água* (2018), propõe-se a apresentação de uma proposta didática que aborde o conceito em questão. É

[1] Graduada no Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista - UNESP, gabriela.mariah@unesp.br , mulher cisgênero branca, moradora de Marília-SP;
[2] Graduado no Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista - UNESP, arley.almeida@unesp.br homem cisgênero branco, morador de Marília-SP;
[3] Doutora no Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista - UNESP, elisangela.s.santos@unesp.br , mulher cisgênero parda, moradora de Marília-SP.
[4] O presente trabalho é resultado do projeto do Núcleo de Ensino da Unesp de Marília intitulado "Bordar e escrever como testemunho da ancestralidade: as obras de Rosana Paulino e Conceição Evaristo em diálogo para o ensino-aprendizagem de Sociologia", financiado pela Prograd (Pró-reitoria de Graduação).

fundamental destacar que o desenvolvimento de atividades voltadas para o ensino crítico de Sociologia assume um papel político de grande relevância, sobretudo em um contexto marcado pelo progressivo sucateamento da educação pública. Tal cenário se agrava com a redução da carga horária destinada às aulas de Sociologia, resultante da implementação gradual do Novo Ensino Médio a partir de 2022. Por conseguinte, a sequência didática é composta por um total de seis aulas, distribuídas ao longo de três semanas, e contempla oficinas pedagógicas que culminam na produção textual de fabulações elaboradas pelos próprios estudantes ao término das atividades.

Dentro deste aspecto, o projeto *"Bordar e escrever como testemunho da ancestralidade: as obras de Rosana Paulino e Conceição Evaristo em diálogo para o ensino-aprendizagem de Sociologia"*, integrante do programa do Núcleo de Ensino da Unesp/FFC, se propõe a criar propostas de metodologias de ensino interdisciplinares, articulando a sociologia, a literatura e as artes dentro de atividades pedagógicas realizadas no ensino médio de uma escola na periferia de Marília, São Paulo. Pautado nos estudos transatlânticos desenvolvidos por Gilroy (2001), em conjunto com o debate sobre o caráter social da arte debatido por Hollanda (2020) e Candido (2006), o projeto se propõe a promover a valorização da subjetividade dos indivíduos marginalizados na sociedade brasileira por meio da arte. Dessa forma, as atividades desenvolvidas no projeto desde 2024 visam contestar a produção de conhecimento compreendida dentro de uma ótica racionalista e eurocêntrica ao articular objetos pedagógicos não tradicionais dentro da sala de aula, como contos, poesias e obras de arte visuais.

O cenário de marginalização ocupado pela disciplina de Sociologia no contexto do Novo Ensino Médio — modelo que promove a substituição de praticamente todas as disciplinas, excetuando-se Língua Portuguesa e Matemática, por cinco itinerários formativos que são ofertados a partir da disponibilidade de cada escola — evidencia a urgência de se promover atividades pedagógicas voltadas ao ensino da Sociologia nas escolas públicas. Considerando que a disciplina já dispunha de uma carga horária significativamente reduzida em comparação com outras áreas do conhecimento, sua atual abordagem por meio de temáticas nos itinerários contribui ainda mais para o esvaziamento e o desmantelamento do seu papel no ambiente escolar. Segundo Peregrino e Prata (2023), a reforma educacional do novo ensino médio, através de aparatos legislativos, aprofundou ainda mais as exclusões vivenciadas no cotidiano da categoria mais marginalizada que frequenta as escolas públicas do país: a juventude periférica brasileira. No trecho a seguir, as autoras resumem os efeitos da

reforma do ensino médio sobre esses grupos, destacando o caráter anti-democrático imbricado no processo de consolidação dessa jurisprudência:

> Nessa perspectiva, portanto, a reforma do EM elimina (por invisibilidade, por silenciamento) exatamente os socialmente vulneráveis; aqueles que, provavelmente, concentram trajetórias escolares irregulares e descontínuas; aqueles que, apenas depois do ciclo virtuoso das expansões escolares, iniciadas ao fm da década de 1990 e renovadas e expandidas a partir dos primeiros anos dos anos 2000, conseguiram manter-se no interior do sistema educativo, buscando superar a "linha divisória do EM"; aqueles que buscam compor escola com trabalho; aqueles, enfim, que buscavam migrar para os modos emergentes de transição escola-trabalho, configurados com força crescente a partir da Constituição de 1988 (Peregrino, Prata, 2023, p. 20).

A promoção da exclusão dos sujeitos marginalizados da universalização do ensino público, reiterada e aprofundada pela reforma do EM, corrobora para que a realização de projetos artísticos dentro do ambiente escolar possuam uma maior significância para os alunos dentro do ambiente escolar, haja visto que há uma clara desconexão entre o conteúdo formativo que deveria estar sendo trabalhado dentro da escola e o que é obrigatoriamente trabalhado desde a implementação do Novo Ensino Médio. Dentro disso, a aderência dos estudantes às atividades promovidas pelo projeto também são indicadores positivos da realização do principal objetivo posto aqui: a expressão da subjetividade dos alunos por meio da arte através de um viés sociológico que promove o pensamento feminista negro.

A sequência didática se estrutura nos seguintes momentos: 1) Apresentação da perspectiva interseccional, fazendo um resgate da história do conceito e do movimento feminista negro, em diálogo com a obra Assentamento de Rosana Paulino; 2) Leitura coletiva do conto *Maria*, da obra *Olhos d'Água* de Evaristo. O conto narra como a violência racial ceifa a vida de Maria, empregada doméstica, de forma cruel e brutal. Retornando para casa, depois do expediente na casa da patroa, a mulher é vítima de um linchamento coletivo, ao ser criminalizada e culpabilizada por um assalto ao ônibus que estava. A escrita magnética de Evaristo e a trágica história traz surpresa, revolta e indignação para os/as estudantes. Ao mobilizar esses sentimentos em sala de aula, os/as alunos/as se engajam na discussão, refletindo e problematizando sociologicamente as dimensões como raça, maternidade, imaginário social, exploração do trabalho, mobilidade urbana, etc; 3) Oficina de produção textual, que aborde a estrutura de um conto, e a prática de escrita a partir da escrevivência. Nesse momento, são propostas duas possibilidades de escrita para os alunos: "Em qual Brasil Maria continuaria viva?", que permite os alunos a imaginar possibilidades de sociedade que escapem das opressões existentes, ou "Qual o desfecho dos filhos de Maria?"; 4) Atividade de

composição de um livro ilustrado com as obras de Paulino, agregando todos os contos produzidos.

METODOLOGIA

A proposta delineada objetiva pensar em práticas pedagógicas que elucidem outras formas de se fazer e ensinar Sociologia no contexto do Ensino Médio. Nesse sentido, mobiliza-se as linguagens artísticas como maneiras de se pensar sociologicamente, buscando compreender as diferentes configurações de opressão a partir da encruzilhada entre seus sistemas, como gênero, raça, classe, sexualidade, religião, etc. Para isso, pensamos com as feministas negras, trazendo não somente suas produções teóricas para as aulas, mas também se inspirando no contestamento das cisões entre ciência e arte, produzidas pela epistemologia ocidental moderna, para propor essas formas outras de se fazer-ensinar Sociologia.

Nesse sentido, parte-se do paradigma interseccional, que foi produzido dentro da luta política e intelectual do pensamento feminista negro (Collins, 2019), por meio do qual as mulheres negras reivindicaram novas formas de pensar a si mesmas e a sociedade a partir da análise de suas experiências, rejeitando, então, um modelo que tratasse os opressões como adicionais ou como suplementos secundários, ou ainda, efeitos da exploração de classe:

> Os paradigmas interseccionais nos lembram que a opressão não é redutível a um tipo fundamental, e que as formas de opressão agem conjuntamente na produção da injustiça. Em contrapartida, a ideia de matriz de dominação se refere ao modo como essas opressões interseccionais são de fato organizadas. Independentemente das intersecções específicas em questão, domínios de poder estruturais, disciplinares, hegemônicos e interpessoais reaparecem em formas bastante diferentes de opressão. (Collins, 2019, p. 57).

Desse modo, nosso trabalho se localiza no âmago da epistemologia feminista negra, de maneira a criar perguntas, objetos e critérios de validação do conhecimento a partir da experiência vivida que emergem a partir das movimentações políticas feministas negras. Dentro desse escopo, adotamos o paradigma interpretativo da interseccionalidade para interpretar e analisar os fenômenos sociais e uma metodologia que busca aplicar esse paradigma não somente para ensinar sociologia na educação básica, mas também para compreender as dinâmicas sociais que atravessam a juventude no contexto escolar.

Para isso, dialoga-se com a sociologia das emoções, na medida em que os "[...] condicionamentos culturais e sociais das emoções e as elevam a um estatuto heurístico capaz de auxiliar na compreensão sociológica de processos políticos" (Sallas e Meucci, 2021, p. 3). As emoções são parte significativa da vida social, não se restringindo à subjetividade e ao

microcosmo íntimo, ou interpessoal, de maneira que se constituem como peças fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando romper com o modelo tradicional de escola erguido pelas epistemologias ocidentais, que rompem corpo e mente, ou emoções e racionalidade.

Diante da sala de aula, não se busca, portanto, somente inserir conteúdos e perspectivas normalmente não trabalhados nas aulas de Sociologia, mas de propor metodologias outras de ensino, que considerem e partam das emoções, da subjetividade e das experiências vividas. bell hooks (2013) pontua que uma educação transgressora perpassa tanto pelo conteúdo, quanto pela forma de ensinar radicais, isso significa que deve-se aceitar e trabalhar a partir da presença do corpo, da diferença e da subjetividade em sala de aula. Desse modo, ao unir vivências e teoria crítica, é possível deslocar o processo de ensino-aprendizagem de uma mera acumulação de conhecimento científico, para disponibilizar ferramentas analíticas que permitam pensar a realidade social. A autora também contribui para nosso projeto na perspectiva de que os/as estudantes devem encontrar sua própria voz, para enunciar seus posicionamentos, e, no nosso caso, ficcionalizar, poetizar a vida a partir de um viés crítico. Essa forma de fazer-ensinar Sociologia potencializa o engajamento dos/as estudantes e a compreensão interseccional da sociedade.

Assim, a partir das contribuições de bell hooks (2013), em diálogo com a noção de escrevivência de Conceição Evaristo (2020), a sequência didática busca atrelar as vivências cotidianas dos/as estudantes com as teorias sociológicas que explicam a realidade social a partir da interseccionalidade. Nesse sentido, propõe-se que o fazer literário e artístico também seja uma forma de fazer-ensinar Sociologia.

Diante desse contexto, no primeiro semestre de 2025, foi realizada uma atividade pedagógica com foco no conceito de interseccionalidade, com o propósito de estimular os alunos a produzirem contos literários em subgrupos, inspirando-se no conceito de escrevivência e nas obras da artista Rosana Paulino. A atividade teve início com uma aula expositiva fundamentada nos pilares teóricos da temática, por meio de uma apresentação que abordou a hierarquização das diferenças sob a perspectiva proposta por Crenshaw (2002), com ênfase na inter-relação entre classe, raça e gênero. Essa abordagem foi complementada por um resgate histórico sobre a desigualdade racial no Brasil e com a explicação sobre o conceito de escrevivência, cunhado por Evaristo (2020). Logo em seguida, realizamos a leitura do conto “Maria”, presente no livro *Olhos D’Água*, no formato de ciranda, promovendo a participação de todos os estudantes na leitura coletiva do texto.

Os estudantes demonstraram elevado grau de engajamento com as atividades propostas, especialmente durante o debate em torno do conto “Maria”. Ao longo da discussão, foram utilizadas estratégias de questionamento como: “Onde Maria viveria se residisse em Marília?”, “Em qual bairro moraria a patroa de Maria?”, “Onde os filhos de Maria estudariam?” e “Como é a aparência física de Maria?”, com o objetivo de fomentar o pensamento sociológico dos alunos em relação à temática abordada.

Na aula seguinte, foi realizada uma oficina de escrita, na qual foram disponibilizadas as ferramentas pedagógicas necessárias para que os estudantes se organizassem em subgrupos e iniciassem a produção dos contos, como a “tempestade de ideias”. Nessa etapa, propôs-se que os textos respondessem a uma das seguintes questões: “Em qual Brasil Maria continuaria viva?” ou “Qual seria o desfecho dos filhos de Maria?”. Essa estruturação favoreceu o desenvolvimento da criatividade dos alunos, que elaboraram desfechos alternativos para o conto original de Conceição Evaristo. Também distribuímos cadernos para que os estudantes pudessem colar, desenhar e, assim, estabelecer um diálogo artístico com as obras da artista Rosana Paulino. O conto a seguir, desenvolvido por cinco estudantes do segundo ano do ensino médio, serve como exemplo da produção artística desses alunos[5]:

> Maria
> Baseado em fatos reais a historia conta a vida de Maria uma mulher preta que trabalhava como faxineira na casa de um barão muito rico e donos de diversas terras, Maria era humilhada e violentada pelo seu patrão, ela não gostava de trabalhar lá e por ser uma mulher preta e pobre tinha muita dificuldade para arranjar outro emprego.
> Mas toda essa humilhação que ela sofria tinha um motivo, ela não gostava de ver seus filhos passando fome. Maria gostava de escrever em suas horas vagas para expressar seus sentimentos sobre seu trabalho e sua vida em geral normalmente ela escrevia tudo num pequeno diário falando como foi seu dia e escondia ele de seus filhos para que eles não descobrissem o que ela passava no trabalho seus filhos tinham que ficar sozinhos em casa enquanto sua mãe trabalhava.
> O seu filho mais velho tinha 17 anos e o seu filho mais novo tinha 10 anos e ficava todo feliz quando sua mãe voltava do trabalho empolgados para comer as sobras de alimentos que sua mãe trazia do trabalho.
> Em um certo dia Maria se arrumou pegou seu sapato e pegou um metro para o trabalho durante o metrô um cara muito estranho encapusado entrou e anunciou que era um assalto falou para todo mundo ficar deitado e passar seus pertences todos estavam colaborando até que derepente um policial atira, mas era o desespero e o ladrão se assusta pois a arma dele é de mentira e sai correndo e deixa todos em paz.

[5]Os contos foram produzidos em grupo pelos estudantes ao longo das atividades, e optou-se por manter o anonimato dos alunos por razões éticas, considerando que se tratam de menores de idade. Optou-se também por transcrever o conto de forma integral e fidedigna, preservando a escrita original dos alunos, sem realizar quaisquer alterações em sua linguagem ou estrutura.

Imagem 01 - Caderno elaborado pelos alunos

Fonte: elaboração própria, 2025

REFERENCIAL TEÓRICO

Esse trabalho parte dos Estudos Negros Radicais como fundamento teórico, isso significa que nossos referenciais são guiados, sobretudo, por um diálogo com os/as pesquisadores/as do Atlântico Negro (Gilroy, 2001). A noção de Atlântico Negro é criada para se compreender aspectos culturais e políticos da modernidade que foram apagados pelo cânone filosófico e científico euro-americano-colonial. Ao deslocar a modernidade para a figura do navio, enquanto unidade de conexão entre continentes e histórias fragmentadas, é possível trazer à tona o Atlântico como um sistema cultural e político próprio da negridade e que se configura enquanto uma contra-cultura moderna. Essa perspectiva possibilita, então, construir "tanto um passado imaginário antimoderno como um vir-a-ser pós-moderno" (Gilroy, 2001).

Ancorar-se no Atlântico Negro como referencial teórico significa reelaborar e redefinir as histórias negras ocultadas pela branquidade, sem deixar de reimaginar possibilidades de

futuro e utopia. A necessidade de exercer a imaginação política, evitando cair em fatalismos ou ceticismos inférteis, é uma preocupação que permeia esse trabalho. Ao longo das atividades, foi possível observar uma profunda descrença perante a possibilidade de um Brasil melhor. Observa-se o sentimento de falência, sem possibilidade de reconstrução. O referencial do Atlântico Negro revela sua emergência na prática pedagógica, na medida em que "A memória da escravidão, preservada como recurso intelectual vivo [...]" (Gilroy, 2001, p. 99), abre margem para criar novas respostas e novas possibilidades de imaginação utópica.

A perspectiva dos Estudos Negros reforça essa dupla face das poéticas negras, na medida em que sua

> [...] palavra poética é um modo de narração do mundo. Não só de narração, mas talvez, antes de tudo, de revelação do desejo utópico de construir um outro mundo. Pela poesia, inscreve-se, então, o que o mundo poderia ser. E, ao almejar um mundo outro, a poesia revela o seu descontentamento com uma ordem previamente estabelecida. (Evaristo, 2010, p. 135).

A crítica ao mundo em que se vive e o reforço de um desejo utópico que construa outros mundos é parte fundamental do nosso quadro teórico. A produção artística negra se evidencia como fundamental, abrindo trilhas para criar novas formas de ensinar sociologia na educação básica, ao mesmo tempo que evidencia criticamente os sistemas de opressão do mundo moderno e abre margem para a possibilidade de florescimento da imaginação. Segundo bell hooks, "A ficção contemporânea de mulheres negras focada na construção da identidade e do *self* abre um novo território em que são claramente nomeadas as maneiras como as estruturas de dominação, racismo, sexismo e exploração de classe oprimem [....]" (hooks, 2019, p. 96). Em um momento que a juventude vem sendo devastada pelo engessamento imaginativo, dificultando, senão impossibilitando, imaginar outros projetos de sociedade que superem essas estruturas de dominação – aspecto subjetivo esse que atravessou nossas atividades, na medida em que os/as alunos/as muitas vezes não conseguiam pensar em um Brasil no qual Maria permanecesse viva –, a ficção e a arte de mulheres negras se fazem perturbação na inércia. Nesse sentido, busca-se uma perspectiva feminista do Atlântico Negro.

Jota Mombaça busca evidenciar o papel do pensamento negro no conflito político contemporâneo entre o mundo erguido pelos ditames coloniais e, por consequência, capitalistas, e a urgência de habitar mundos em que a existência negra seja, de fato, possível, para além da morte:

> Nomear a norma é o primeiro passo rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência, porque a norma é o que não se nomeia, e nisso consiste seu privilégio. [...] Nomear a norma é devolver essa

> interpelação e obrigar o normal a confrontar-se consigo próprio, expor os regimes que o sustentam, bagunçar a lógica de seu privilégio, intensificar suas crises e desmontar sua ontologia dominante e controladora. (Mombaça, 2021, p. 75-6).

Na medida em que a negridade emerge junto com a modernidade, essa é assombrada pela capacidade da vida e das artes negras desestabilizarem a ordem colonial, interpelando a norma da branquidade e anunciando esse vir-a-ser pós-moderno, que desmonta sua arquitetura. Dessa forma, dialogamos com a noção de Poética Negra Feminista criada pela filósofa Denise Ferreira da Silva. A tradição poética no pensamento negro possui grandes nomes como Edouárd Glissant e Sylvia Wynter e compreende que a poética não é somente um sistema de re/significação textual, mas é sobretudo uma estratégia de poder produtiva que subjetiva os indivíduos, criando novos comportamentos, éticas e cosmovisões (Henry, 2000).

Uma Poética Negra Feminista é uma "[...] práxis radical inspirada pelo corpo sexual da nativa/escrava" (Silva, 2019, p. 85) que enfrenta o imbricamento de três dimensões do político: o jurídico, o econômico e o simbólico. Mobilizar as poéticas de Paulino e Evaristo em sala de aula significa trazer para a discussão sociológica um condensamento complexo de múltiplos objetos da sociologia. A presença dessas obras de arte permitem abordar, de forma crítica, vários temas contemporâneos e do cotidiano dos alunos, traçando uma perspectiva histórica e social, que pode desnaturalizar a realidade em seu entorno. Nesse sentido, o quadro teórico que sustenta a prática pedagógica em questão parte de uma abordagem feminista do Atlântico Negro, ou ainda, de uma Poética Negra Feminista que dá fôlego para a atividade docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, esse projeto do Núcleo de Ensino busca trabalhar a partir da potencialidade da Poética Negra Feminista (Silva, 2019) em anunciar a violência racial, as desigualdades sociais, e outros sistemas de opressão e também de explorar a capacidade criativa em pensar mundos e alternativas outras para a realidade social. Assim, por meio do paradigma interseccional, mobilizando as obras de Evaristo e Paulino, é possível pensar-fazer Sociologia no Ensino Médio, estimulando não somente o pensamento crítico dos/as estudantes, mas também estimulando o processo de autorreconhecimento enquanto agente social.

Dessa forma, ao longo da implementação desta sequência didática, foi possível observar os alunos trabalhando com o conceito de interseccionalidade por meio da produção

artística de contos. Nessa atividade, os estudantes puderam articular, de maneira lírica, os debates que atravessam as dimensões de raça, classe e gênero. O conto utilizado como exemplo desta prática pedagógica evidencia como é viável estabelecer um diálogo entre a sociologia e as questões sociais através da arte, rompendo com a lógica positivista imposta pelo racionalismo científico-ocidental e promovendo uma interlocução com os contextos sociais vivenciados pelos próprios alunos.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas,** 10 (1): 171-188, 2002.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2018.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCHEINDER, L; MOREIRA, N. (orgs.) **Mulheres no Mundo:** etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Editora da CCTA, 2020.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, E. (Org.). **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro.** Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes/Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021

PEREGRINO, Mônica; PRATA, Juliana de Moraes. **Juventude como mirante dos fenômenos sociais e a reforma do ensino médio—o que se vê quando se olha de um outro lugar?**. Revista Brasileira de Educação, v. 28, p. e280052, 2023.

SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável.** São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.